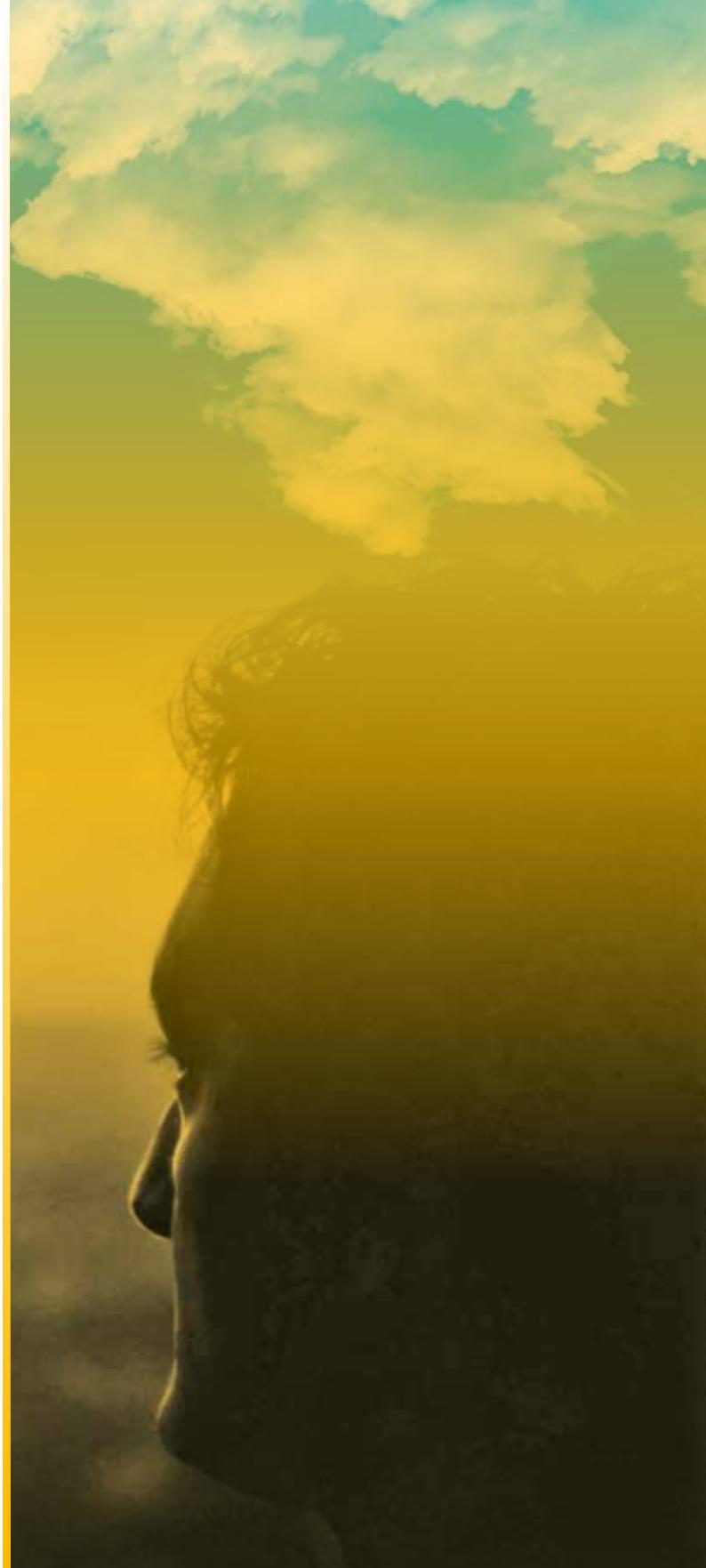




Reevangelização o enfatizar da Espiritualidade

índice

Editorial	3
Eusébio de Cesaréia	4
Discípulos que fazem discípulos de Jesus	6
O desafio da Evangelização hoje!	7
Reevangelização: um desafio para sair da indiferença	10
Partilhando o Evangelho – uma missão transcultural	12
Espiritualidade em tempo de crise...	14
Páscoa 2014: um desafio	15
Votos de Páscoa feliz do profeta Elias	17
Cristo ressuscitou... a esperança de vida depois da morte	18
Jesus nos incita à proximidade	19
A radicalidade do Evangelho	21
Há um grupo que é Bíblico e Universitário	24
Notícias do Oikoumene	26
Notícias	28



Entidade proprietária: Igreja Evangélica Metodista Portuguesa • Directora: Estela Pinto Ribeiro Lamas

Sede da Redacção: Igreja Metodista, Praça Coronel Pacheco 23, 4050-453 Porto • Tel. 222007410 • Fax 22086961

Tiragem: 750 exemplares • Periodicidade: Quadrimestral • Registo no I.C.S. n.º 101560/74 • ISSN 1646-5482 • Depósito Legal n.º 201/84 • Nº contribuinte: 592004244

Execução Gráfica: Officina Digital, Lda - Zona Industrial de Taboeira, Lote 15 - 3801-101 Aveiro - Tel. 234 308 697 - E mail: geral@officinadigital.eu

Grafismo: Fernando Paulo e Eduardo Conde • Equipa redactorial: Estela Lamas, Eduardo Conde, Maria Eduarda e José Manuel.

Colaboraram ainda neste número: Ireneu da Silva Cunha, Ricardo Canfield, Timóteo Cavaco, Rute Campos, Peter Clark, Teresa Toldy, Eva Michel, António Couto, João Damião, Pedro Fonseca e José Leite.

A equipa redactorial é responsável pela seleção do material enviado pelos leitores, mediante critérios associados à identidade das duas instituições.

O conteúdo dos artigos publicados e assinados é da responsabilidade dos seus autores. Os artigos não assinados são da responsabilidade da equipa redactorial.

O conteúdo do Portugal Evangélico pode ser reproduzido desde que citando a origem.

Assinatura individual nacional: 4,50 euros | Assinatura individual internacional: 9,00 euros | Assinatura benemérito: a partir de 12,00 euros



Reevangelização o enfatizar da espiritualidade

Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos ...
Epístola de Paulo aos Romanos 9, 2

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades ... tudo muda à nossa volta e os desafios com que nos confrontamos, no dia-a-dia são constantes e enormes. A mudança é um fator que não pode ser ignorado. O tempo passa e tudo muda; a *crise* irrompe; o *caos* se instala; gera-se o *desequilíbrio*; pratica-se a *injustiça*; a *desorientação* apodera-se do ser humano; a humanidade entra num período *sem rumo*. Este número do *Portugal Evangélico* consciencializa-nos para a enorme missão que temos pela frente, se quisermos alterar o rumo que o nosso mundo está a tomar.

Um mundo em mudança exige criatividade; a repetitividade leva à estagnação que temos de ultrapassar e, como refere Rute Campos, para que isso aconteça, importa *reevangelizar*, importa (re)(i)novar a tempo inteiro. Deus é o criador supremo! Sempre, através dos tempos, Deus encontrou e continua a encontrar uma nova forma para lidar com cada ser humano na sua unicidade, na especificidade da sua vida, do seu contexto, da sua época. Para que a *criatividade de Deus* atue em cada um, em cada uma de nós, temos que nos abrir à Sua ação, temos que ouvir a Sua voz, temos que dar resposta à sua Palavra. Falando em evangelização, importa pois que a Igreja se torne criativa! A criatividade e o amor estão em Deus, na Sua Palavra – a Bíblia que, segundo Timóteo Cavaco, continua a ser o instrumento fundamental para a evangelização.

De facto, não podemos esquecer que a real mudança começa em nós e, para que isso possa acontecer, só no *encontro com Cristo*, podemos avançar para uma nova etapa. Cristo, pela Palavra, convoca os Seus discípulos, as Suas discípulas que, congregados/as instituem a Igreja a quem Ele confia a responsabilidade e a potencialidade para ser o principal agente das mudanças no mundo. Para isso, Ireneu Cunha, Bispo Emérito da Igreja Metodista, incita-nos a “darmos, em tudo, *prioridade ao amor*.” Para isso, Ricardo Canfield aponta, ao falar do discipulado e da sua missão de promover a relação com o Mestre, vivenciada espiritualmente, ajudando outros/as discípulos/as, a uma maior *proximidade de Cristo*. Pedro Fonseca ecoa estas palavras quando, ao falar do GBU, afirma que um dos lemas que orienta este grupo é “estudantes alcançando estudantes”, sendo um braço da Igreja,

contando e vivendo a história de Jesus. E, tal como afirma António Couto, Bispo de Lamego, sendo nós Igreja, potenciados/as por Cristo, cabe-nos, em nome de Deus, assumir a responsabilidade de *fazer entrar o nosso mundo num tempo novo* – “o futuro-presente de Deus, onde o sofrimento será apagado pelas mãos carinhosas de Deus”.

Paulo, na sua primeira epístola aos Coríntios, no capítulo 9, fala-nos da necessidade que sentiu de se adequar àqueles, àquelas a quem levava o evangelho “quando eu estou com os judeus torno-me um deles para que possa conduzi-los a Cristo. (...) quando estou entre os gentios (...) eu ligo-me com eles tanto quanto posso”; é, assim, que Peter Clark entende a sua *missão transcultural* de discípulo, de evangelista, de pregador, presentemente, no trabalho que desenvolve junto de encarcerados. João Damião e Eva Michel ecoam as vozes que testemunharam a ressurreição afirmando: “Cristo ressuscitou!”. Eles nos incentivam a anunciar com alegria e entusiasmo *a Boa Nova* a quem está em sofrimento, a quem se encontra desanimado/a com a crise que assola o nosso mundo e sobre a qual, Teresa Toldy reflete e, ciente de que “tempo de crise é tempo de opções”, alerta-nos para termos sempre presente o apelo de Jesus, de *intervir no nosso mundo*. Este apelo, evidenciado por Maria Eduarda Titosse – “Vem. Sai. Deixa. Muda. Transforma-te.” é, como refere, “uma mensagem radical de tudo ou nada”, a qual implica da parte de quem responde, vontade de descobrir o Reino de Deus, capacidade para aceitar a mudança, forte dedicação à missão que lhe é confiada, reconhecimento do valor dessa missão, capacidade de renunciar ao supérfluo, aceitando a *mudança proposta por Deus*.

Implicando-nos nos repto lançados por Deus, deixando que o Seu Espírito nos anime – eis o *enfatizar da espiritualidade* –, estaremos a contribuir para a (re)evangelização e seguindo os ensinamentos de Jesus, dirigidos junto à cruz a Maria e a João, hoje e em cada dia das nossas vidas, estaremos a assumir uma nova forma de evangelizar, adequada ao nosso tempo, dirigida à unicidade daqueles e daquelas com quem convivemos!

Eusébio de O Pai da História

Nascido por volta do ano 265 da nossa era, em Cesaréia, cidade romana ao norte da Palestina, em território não judeu (não confundir com Cesaréia de Filipe), viveu até 339 ou 340, morrendo aos 75 anos. Viveu tempos difíceis: a décima perseguição aos cristãos movida pelo Imperador Diocleciano; a convocação do Concílio de Nicéia por causa da heresia de Ário; e a grande mudança devida ao reconhecimento da Igreja pelo Império.

Cesaréia era uma cidade política e culturalmente importante, e também por ser um porto de mar muito utilizado para as comunicações marítimas. É bastantes vezes mencionada nos Actos dos Apóstolos, pela sua utilização nas viagens dos Apóstolos, especialmente por S. Paulo. Ali fora fundada, no tempo do grande sábio Orígenes, uma escola de Teologia, que entretanto tinha adquirido grande fama, e nela Eusébio estudou. Foi eleito, em 315, bispo na sua cidade e dedicou-se a uma intensa vida de estudo e produção literária, tendo escrito obras que ficaram famosas e, mais do que todas, a sua *História Eclesiástica*, cobrindo os 3 primeiros séculos da vida da Igreja, obra que lhe granjeou o apelido de **Pai da História Eclesiástica**.

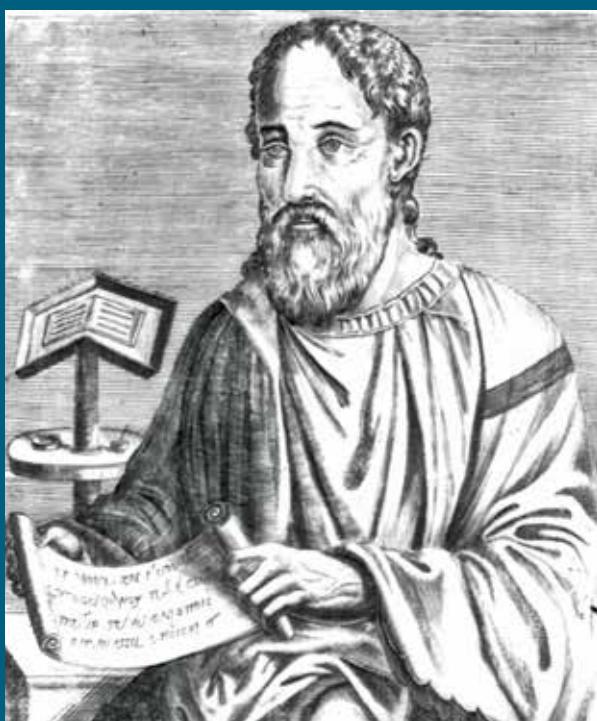
Aquela parte do mundo, a Ásia Menor, que no nosso tempo vive atormentada por graves conflitos políticos e religiosos entre judeus e árabes e diversas fações islâmicas, foi palco no tempo do Imperador Diocleciano (204-305), da mais feroz perseguição que dizimou as fileiras cristãs.

Eusébio não morreu mártir, apesar de ter atravessado esses tempos perigosos, mas a uma das suas obras literárias – *Uma Relação sobre os Mártires da Palestina* – se deve que as muitas vidas cristãs fiéis, até à morte, não tenham ficado no esquecimento.

Para além das importantes obras atrás mencionadas, Eusébio escreveu muitas outras, cuja relação completa ocuparia todo o espaço de que dispomos para este artigo. As principais terão sido “*Uma His-*

tória Universal dos Povos”; uma “*Vida de Constantino*”, imperador por quem nutria grande admiração; inúmeros estudos exegéticos sobre a Sagrada Escritura, de que era perito, ao ponto de preparar uma espécie de “*Harmonia dos Evangelhos*”, que foi inspiração para muitas que apareceram depois; muitos escritos dogmáticos e apologéticos e uma abundante correspondência. Era um espírito verdadeiramente universal, que nasceu para a cultura. Trabalhador infatigável e metódico, leu tudo, tanto literatura sagrada como profana, adquirindo uma notável erudição, que o levou a ser classificado como o homem mais sábio do seu tempo.

Um dos acontecimentos mais importantes ocorridos durante o seu pontificado, foi a convocação, pelo Imperador Constantino, do Concílio Ecuménico de Nicéia, motivado pela grande controvérsia ariana, que ameaçou a unidade do Império Romano. Eusébio ocupou um lugar à direita do Imperador, que presidiu, e foi um dos protagonistas mais importantes daquele conclave, onde o Arianismo acabou por ser condenado. Ele foi, juntamente com outro



Cesaréia

Eclesiástica (265 - 339)

Eusébio, o de Nicomédia, o proponente das teses trinitárias e sobre a divindade de Cristo que acabaram por ser aprovadas, mas assumiu sempre uma posição conciliatória. Foi possivelmente essa sua natureza inclinada aos consensos que, mais tarde, o levaram a assumir posições que lhe são apontadas como desvios das conclusões que assinara em Niceia ou, no campo das hipóteses, talvez a sua vastíssima erudição o tivesse levado a concluir que a linguagem humana e teológica nunca poderá penetrar nem descrever, totalmente, as profundezas da natureza do ser divino.

Deus, que a tudo preside, nos clarificará tudo um dia, quando formos chamados à sua divina presença. Mas enquanto vivemos neste mundo, "vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face. Agora conhecemos em parte, mas então conheceremos plenamente..." como escreveu S. Paulo na I Carta aos Coríntios 13,12.

Bom será não condenarmos à fogueira quem pensa diferentemente de nós e darmos, em tudo, prioridade ao amor.

*Ireneu Cunha
Bispo Emérito da Igreja Metodista*



Discípulos que fazem discípulos de Jesus

**Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas.
A ele seja a glória para sempre! Amém.**

Romanos 11,36

Durante anos, a Europa foi tida como um continente essencialmente cristão, e por assim dizer, evangelizado. Com essa mentalidade, a espiritualidade cristã foi reduzida a um simples cumprimento religioso, sendo esse a presença do crente ao culto dominical, deixando assim a sua vivência espiritual. Entendemos que ambas as palavras designadas para chamar aqueles que seguem a Cristo (cristão e discípulo) implicam o relacionamento com Jesus. O próprio termo discípulo implica inevitavelmente um relacionamento entre o discípulo e o seu mestre. Esse tipo de relacionamento acontece na vivência espiritual do cristão.

Tendo isso em mente, temos procurado desenvolver um trabalho com ênfase no discipulado. Entendemos que, resgatando algo, que há muito tempo Jesus nos havia orientado a fazer, em Mateus 28,19, temos recebido novamente uma visão, mais do que um programa, cremos que é algo que Deus nos dá para cumprirmos sua vontade e resgatar o tipo de relacionamento que Ele deseja ter connosco.

O discipulado é uma estratégia deixada por Jesus para o desenvolvimento de líderes. Foi num processo de discipulado que Jesus recrutou, escolheu e formou os apóstolos que se tornariam os líderes da igreja primitiva. Agora, como ação, o discipulado é uma relação pessoal e comprometida onde um discípulo mais maduro ajuda outros discípulos de Jesus Cristo a aproximarem-se mais d'Ele e assim frutificarem¹.

Em assistência à visão de discipulado, realizamos reuniões semanais nas casas, que chamamos de células (antigas classes de John Wesley). Uma mensagem essencialmente evangelística é pregada,

e faz-se um convite para que as pessoas entreguem suas vidas a Deus. Além disso, nos colocamos à disposição para ajudar as pessoas no seu crescimento espiritual. O testemunho das próprias pessoas é que as suas vidas têm sido transformadas. Estão mais alegres, acham sentido para as suas vidas, e recebem respostas de Deus às suas orações. Além disso, elas têm lido mais a Bíblia, têm orado mais e se empenhado mais na evangelização de outros. Vemos que na comunidade que assim é proporcionada, através da leitura da Bíblia e oração, tem-se aberto uma oportunidade, para que as pessoas partilhem as suas dificuldades e também as suas vitórias, gerando assim um crescimento tanto qualitativo da espiritualidade individual e coletiva, como o crescimento quantitativo pelo incentivo a ajudar outras pessoas que precisam de um encontro com Deus. Na célula, as pessoas encontram apoio e suporte para enfrentar as suas lutas diárias. Neste lugar, elas acham um ambiente de suporte em amor, onde não se sentem sós.

O discipulado na igreja tem como objetivo o crescimento do Corpo de Cristo, assim nunca nos esquecemos de quem é o nosso referencial. Os grupos pequenos ou células, que devem sempre estar ligados à igreja, devem ter Cristo como cabeça e n'Ele encontrar a principal fonte para o crescimento do seu corpo, para que todos cresçam na unidade e no Espírito.

Ricardo Canfield | Pastor Metodista

¹ Kornfield, David E. "As bases na formação de discipuladores" Editora Sepal

o desafio da evangelização hoje!

Algumas Lições da História

Por muito que à Cristandade possam ser atribuídas responsabilidades históricas por atos e iniciativas menos dignificantes ao longo dos tempos, a verdade é que nenhum outro empreendimento foi tão bem sucedido como a Igreja estabelecida por Jesus. As palavras, aparentemente singelas, - “construirei a minha igreja” (Mateus 16,18) - estão consubstanciadas no discurso trinitário de Atos 1,7-8 em que o **Cristo** prestes a ser elevado aos céus constitui as suas *testemunhas* com base na autoridade do **Pai** e no poder insuflado pelo **Espírito**. A *ekklesia* é, pois, o resultado duradouro e persistente da ação divinamente orientada nos *martus*, desde o seu início em Jerusalém “até aos lugares mais distantes do mundo”. Ao longo de quase dois milénios, são milhares de milhões os que, com diferentes graus de intensidade, têm partilhado e continuam a partilhar hoje a mensagem pascal do Cristo morto na cruz e ressuscitado ao terceiro dia.

No seu conjunto, o Cristianismo continua a ser a maior expressão religiosa mundial, a mais disseminada em todo o planeta, e mesmo aquela que maior crescimento numérico continua a apresentar nos nossos dias. Estamos, porém, conscientes de que essa taxa de crescimento é bastante assimétrica, já que em certas partes do globo a pertença religiosa ao Cristianismo tem efetivamente diminuído, nalguns casos de forma preocupante ou mesmo dramática. Esta é certamente a situação da Europa em geral e do nosso país em particular. Não admira pois que, transversalmente ao vasto espectro de manifestações cristãs, uma preocupação comum se

expresse na ambição de um “reavivamento” ou de uma “nova evangelização”.

A História tem sempre muito a ensinar! O importante é não ficarmos cristalizados no momento ou na narrativa particular mas sabermos extrapolar e aplicar aos nossos tempos e contextos o que a História efetivamente nos ensina. É assaz pedagógico percebermos quais foram as forças motrizes da expansão do protestantismo no nosso país a partir da segunda metade do século XIX. Apesar de nunca termos assistido a um considerável crescimento numérico e a uma disseminação assinalável das diferentes famílias protestantes em Portugal, não podemos ignorar o papel que estas incipientes comunidades tiveram na construção de realidades que afrontavam os paradigmas então vigentes. O que está hoje em causa não é certamente se a ação protestante é proselitizante ou não, como foi fortemente acusada de o ser num país em que a Carta Constitucional de 1826 garantia que a religião do reino era a “Religião Católica Apostólica Romana”. Estamos neste século XXI perante uma realidade em que quase 15% dos habitantes no território nacional são indiferentes ou assumidamente não participantes em qualquer expressão religiosa e certamente mais de 60% não têm uma prática religiosa regular. Perante estes dados não é difícil assumir que Portugal é certamente terreno de missão.

Retomando o repto acima deixado de olharmos para a História, vejamos quais foram as duas linhas de ação extremamente importantes para o estabelecimento das primeiras comunidades protestantes. Ao contrário da conclusão, a que uma leitura menos atenta das fontes nos poderá conduzir, a verdade é que a implantação efetiva do protestantismo em Portugal não se deve, num

► primeiro momento, à ação de entidades missionárias estrangeiras. Embora a ação de cidadãos estrangeiros tenha sido absolutamente fulcral para este que constituiu a génesis do processo de diferenciação religiosa em Portugal, as suas iniciativas raramente contaram com apoios institucionais, e designadamente financeiros, contrariamente até ao que muitas vezes seria seu desejo.

Uma primeira necessidade, então sentida por alguns desses cidadãos, principalmente britânicos, foi a da presença da Bíblia em Portugal. Num país com mais de 85% de índice de analfabetismo, a leitura da Bíblia era uma realidade tergiversada, para além do mais no contexto de uma instituição inquisitorial ainda estabelecida. Embora a Bíblia esteja presente na cultura, na literatura, nas artes e mesmo nos valores e no modo de se ser português desde a fundação da nacionalidade, do que falamos aqui é de uma presença não mediada por pessoas ou instituições; falamos do acesso direto ao texto bíblico em língua e linguagem que a maioria do povo pudesse compreender. Essa realidade, profundamente enraizada nos países do norte da Europa maioritariamente protestantes, era então uma miragem na metrópole portuguesa. Apesar de no princípio do século XIX a língua portuguesa já ter duas traduções completas da Bíblia – a do pastor protestante reformado João Ferreira de Almeida, editada entre 1681 e 1753, e a do padre católico romano António Pereira de Figueiredo, editada entre 1778 e 1790 – possuir um exemplar das Escrituras por estas épocas era privilégio raro, digno de personalidades tão ilustres como um Reitor da Universidade de Coimbra, o Principal Castro, um Inquisidor Geral, o Cardeal da Cunha, ou mesmo um "Primeiro-Ministro", o Marquês de Pombal. É devido à preocupação e cuidado de cidadãos, muitos deles anónimos, na sua maioria militares e capelões britânicos presentes em Portugal por ocasião da intervenção militar durante a Guerra Peninsular (1807-1814) e também comerciantes

e produtores britânicos que, com maior incidência a partir do século XVIII, tinham acorrido ao nosso país, por razões evidentemente económicas, que a Bíblia começa a ser difundida de forma consistente, embora em circuitos muito limitados. Neste período, a ação da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, fundada em Londres em 1804, limitava-se à produção das edições bíblicas e seu envio para Portugal, cabendo a sua distribuição a iniciativas particulares não raras vezes bem sucedidas.

Concomitante à distribuição da Bíblia surgiu uma outra necessidade, a da educação, à época mais centrada na alfabetização de crianças e adultos. É preciso recordar que ao longo dos séculos XVIII e XIX, Portugal e a Europa, em geral, experimentaram fortes transformações na sua forma de estruturação social, fundamentalmente devido aos movimentos migratórios decorrentes da Revolução Industrial. As comunidades e instituições cristãs secularmente habituadas a emprestar uma parte dos seus recursos à caridade, eram agora constrangidas a responder a novos desafios. No nosso território esta nova preocupação foi de tal modo sentida que, mesmo antes da implantação formal e definitiva das comunidades protestantes, se estabeleceram serviços de apoio com diversas valências, nos campos da ação social, cultural e educativa. Segundo o investigador Moreno Afonso, as primeiras comunidades protestantes assumiram "a fundação de escolas como um aspeto nuclear da sua ação evangelizadora e assistencial". Apesar de algumas destas experiências pedagógicas se terem prolongado até aos anos 70-80 do século XX, é no período de transição do século que este esforço se mostra mais notório. O elo mais fraco das novas comunidades importadas dos territórios rurais, para as cidades em rápido processo de industrialização, com poucas ou nenhuma condições, era indubitavelmente as crianças; deixadas sozinhas durante o dia em habitações improvisadas, por isso fora do seu núcleo familiar



alargado a que estavam habituadas em zonas rurais. Obviamente que as incipientes comunidades protestantes, tanto no território continental como insular, não tinham os recursos humanos e financeiros suficientes para acorrer a esta grave situação. Porém, graças à dedicação e persistência inicial, mais uma vez de alguns britânicos residentes em Portugal, a ação educativa tornou-se nuclear para as comunidades protestantes. Temos pois no dealbar do protestantismo lusitano um importante movimento que ajudou à consolidação e rápida expansão do cristianismo reformado no nosso país com o surgimento de escolas (diárias e dominicais) desde os anos 40 do século XIX, sendo de destacar nomes como Robert Kalley (Funchal), Ellen Roughton (Lisboa) e James "Diogo" Cassels (Porto), como seus grandes promotores. Em geral, pode dizer-se que, nas suas origens em Portugal, seria quase impossível que a uma igreja protestante não estivesse associada uma escola a funcionar diariamente, para além, claro está, da escola dominical, mais direcionada para o ensino religioso, bíblico, moral e espiritual.

Naturalmente que passados dois séculos os tempos são distintos daqueles que se viviam num país com a sua própria identidade e independência nacionais postas em causa. O tecido religioso absolutamente monolítico era bem distinto da multiculturalidade que hoje se experimenta em Portugal. Os hábitos de frequência religiosa estavam nos antípodas dos que se verificam na atualidade, o que não quer dizer que à época os portugueses vivessem a sua religiosidade de forma mais consciente e esclarecida. O que certamente não mudou foi a necessidade que qualquer pessoa tem de Cristo e da dignidade e valor que essa pertença traz. Arriscaria pois dizer que as linhas de ação, definidas pelas primeiras expressões e comunidades do protestantismo português metropolitano, continuam a ser válidas: Bíblia e educação, binómio aliás indivisível. Não obstante as

metodologias de contextualização que possam ser utilizadas para dar relevância ao Evangelho, num mundo tão diferente daquele em que foi proclamado pela primeira vez, a Bíblia continua e continuará a ser o instrumento fundamental de evangelização. A educação, por sua vez, não pode ser dissociada de valores fundamentais, baseados numa crença, numa convicção, numa fé. Nos últimos três séculos, particularmente o mundo ocidental assistiu a um crescimento absolutamente notável no acesso à educação formal com a democratização do ensino e com o desenvolvimento de instituições altamente especializadas, tanto no campo das ciências sociais e humanas, como até mais, talvez, no das ciências naturais e exatas e no ensino tecnológico. Este esforço, porém, não foi suficiente para construir um mundo tão melhor quanto esses avanços que foram feitos, nas áreas referidas. Talvez um grande equívoco neste caminho trilhado tenha sido o de associar educação à mera transmissão de conteúdos num espaço formal, talvez mais profissional, como é a escola. A especialização, mas também muitas vezes a desresponsabilização, que o mundo moderno nos trouxe, levou-nos à compartimentação excessiva das atividades e mesmo dos conceitos. Assim, transferiu-se em grande medida a competência da educação exclusivamente para a escola, negligenciando o papel absolutamente fundamental até então desempenhado pelas famílias e igrejas. Não quer isto dizer que a formação escolar tenha que ter necessariamente uma base confessional. No entanto, a formação é um processo bem mais amplo pelo que o frequente afastamento dos processos de formação de uma plataforma de princípios e valores não tem sido o melhor contributo a deixar às gerações vindouras. Estou ciente que a Bíblia numa mão e a "cartilha" na outra continua a ser um eficaz contributo para a evangelização do nosso povo.

Timóteo A. J. Cavaco

Secretário Geral
da Sociedade Bíblica de Portugal



Reevangelização: um desafio para

A propósito da evangelização, visionei, há pouco, uma pequena palestra, na qual, o palestrante, falava, ironicamente, de que, atualmente, o cristão, não necessita de fazer praticamente nada, tudo parece se encontrar já inventado e executado: várias bíblias editadas, de diferentes traduções, livros cristãos com temáticas diversificadas, cds de música cristã de vários estilos, filmes cristãos, pregações e palestras online, t-shirts, pins, enfim, uma infinidade de produtos que, por si só, já permitem a divulgação da mensagem cristã.

Também um estudo recente revela que os europeus, quando questionados sobre a necessidade de ajudar os outros, mostram que têm uma representação social solidária. E os portugueses evidenciam, claramente, uma representação social altruísta. Porém, uma coisa é a representação social; outra é o comportamento pois, segundo o mesmo estudo, na prática, os portugueses são os que menos colaboram, os que menos vão ao encontro dos outros, ficando-se, a nível geral, pelas intenções.

Vive-se uma crise da humanidade contemporânea. As pessoas encontram-se desmotivadas e centradas em si mesmo. Assiste-se a algum ceticismo! O homem tem relegado a fé para segundo plano e esta tem vindo a revelar-se, de alguma forma, irrelevante. E até mesmo, dentro das próprias igrejas, observamos pessoas desanimadas, cansadas, desesperançadas e, atrevo-me até a dizer, afastadas

da sua missão, enquanto cristãs. É como se tudo já estivesse feito, tudo já estivesse dito, a mensagem já estivesse esgotada; por isso, resta-lhes apenas esperar.

Parece que não há mais a necessidade dos cristãos se moverem, de agirem, pois os recursos existentes poderão fazer todo o trabalho de evangelização e, então, só resta aguardar, serenamente, nos bancos das igrejas, que alguém que não se conhece ou alguém que há muito não aparece, entre e, espontaneamente, participe do culto. E arranja-se uma série de desculpas para justificar o nosso estado de inércia e frustração. Como a avestruz, procura-se um lugar para enfiar a cabeça para, porventura se poder esquecer.

Porém, continua-se a ouvir, incessantemente a questão: "mas porque é que a Igreja não cresce?" "Porquê?" E a partir desta pergunta, muitas reflexões, muitas reuniões, muitas intenções.

Parece que os cristãos se demitiram da missão que Jesus lhes confiou de proclamar o evangelho.

Contrastando com esta apatia e aparente conformismo de muitos cristãos, deparamo-nos, no evangelho de S. Mateus com uma Missão que nos é dada por Jesus: "Ide e fazei discípulos". Nesta ordem, estão envolvidos dois verbos que implicam ação e dinamismo: o "Ir" e o "fazer". Os enviados são, pois, movidos a caminhar em direção a algo ou a alguém. E é a partir desta missão que nos devemos questionar: "Será que, enquanto cristão, tenho sido



sair da indiferença

receitivo a esta missão, tenho sido persistente, tenho feito dela uma prática diária e constante de vida?"

Efetivamente, são muitos os recursos existentes e muitas as intenções; são muitos os afazeres; são muitos os problemas, as preocupações que se vivem no dia-a-dia. No entanto, o cristão que recebeu, um dia, a boa nova de salvação, não pode ficar inerte, mas tem, efetivamente de honrar o seu compromisso com Cristo, tem de agir, tem de mover-se.

Poderia enumerar alguns exemplos de homens e de mulheres cristãos que, apesar dos muitos afazeres e dificuldades por que passaram, não se deixaram substituir nesta missão de evangelizar, não cederam à tentação da intencionalidade, da espera ... porém, levantaram-se e, cientes da sua missão e movidos de compaixão, agiram, indo ao encontro daqueles que se encontravam indiferentes, céticos, daqueles que sofriam.

John Wesley é disso um bom exemplo! Um homem de fé, que, apesar das, tempestades, do frio, dos assaltos a que foi sujeito, do cansaço físico que experienciou, sentia o desejo ardente de enfrentar as vicissitudes. E, apesar delas, ele persistiu no seu desejo de evangelizar, de ir ao encontro dos outros, de levar a mensagem de Jesus, durante anos e anos, sem nunca esmorecer. Um homem que sofreu pressões emocionais mas que acreditava firmemente que Deus o tinha chamado a realizar uma missão. E isto acontecia porque, a cada dia, ele se encontrava renovado e se sentia "um canal pelo qual a omnipotência pode passar". Ele sentia-se dependente do Espírito Santo para levar a palavra de Cristo aos outros.

Uma Igreja que não evangeliza é uma Igreja estagnada, que não obedece à grande missão de Cristo, que não vai ao encontro dos outros. É uma igreja solitária, voltada para si mesma, indiferente ao que se passa à sua volta.

A palavra «reevangelizar» é uma palavra possível linguisticamente, cuja criação resulta de uma mera

necessidade comunicativa: reconhece-se o prefixo «re» com o significado de «voltar a» e a palavra-base «evangelizar». É possível, no entanto, atribuir-lhe o significado de «voltar a evangelizar» ou «voltar a converter».

É urgente reevangelizar! Sair do nosso comodismo e conforto e começar a olhar para os outros.

Sempre que nos aproximamos de Cristo e nos envolvemos intimamente com Ele, somos transformados e os nossos desejos passam a ser o de ir ao encontro dos outros para lhes falar do Cristo que se faz presente em cada momento; e devemos ir, imersos de Cristo, ao encontro dos que não têm esperança, dos que vivem situações problemáticas, a vários níveis: humano, existencial ou material, levando a palavra de Deus, mas de uma forma testemunhal, isto é, através do testemunho de fé, um testemunho concreto e prático, efetuado através do amor.

Reevangelizar faz-se através de intimidade com Deus; faz-se através de renovação, de transformação; de testemunho; de persistência, de coragem; de encontro, de caminhada.

É preciso reevangelizar! Mas, não façamos esta caminhada sozinhos! Convidemos o Espírito Santo a estar presente connosco nesta missão, neste encontro com os homens e com as mulheres a quem desejamos levar Jesus. Dessa forma, passaremos de Igreja inconformada a Igreja realizada.

Façamo-nos ao caminho e contribuamos para retirar a Igreja da sua sonolência e indiferença para que possa alcançar novos padrões de espiritualidade e novo zelo missionário!

Rute Campos
Igreja Metodista de Aveiro



Partilhando o Evangelho

Sinto-me muito contente por ter recebido o convite do *Portugal Evangélico* para escrever sobre a minha experiência de ser um discípulo de Jesus, um presbítero metodista, um pregador e evangelista.

Tentando corresponder de forma adequada e considerando as limitações do espaço disponível,pareceu-me ser útil concentrar-me nas minhas experiências de “missão transcultural”, pois elas envolvem a partilha do evangelho com pessoas cuja língua, etnia e origem social diferem da minha.

No passado, a missão ‘eurocêntrica’, foi vista como sendo o que as igrejas do hemisfério norte faziam no hemisfério sul, a missão assumida por pessoas de etnia branca junto de pessoas de etnia negra ou a ação dos ricos junto dos pobres. Hoje, é amplamente reconhecido que a **missão de Deus é assumida por qualquer pessoa em prol de todos e de qualquer lugar para qualquer lugar**. Há 40 anos atrás, esta ideia ainda não estava amplamente difundida, por isso a minha experiência inicial de missão foi caracterizada pelo envio, a pedido do povo para com eles trabalhar.

Como voluntário e, mais tarde, parceiro de missão na Papua Nova Guiné, descobri de imediato as ferramentas da antropologia e através do sentar com... e da observação, uma cultura Melanésia que, recentemente, havia surgido a partir de uma cultura da Idade da Pedra. Este episódio coincidiu com o tempo em que comecei a estudar a sério as Escrituras hebraicas e os Evangelhos e com o início dos meus estudos de pregação local. Os benefícios da observação de uma religião não-judaico-cristã, a religião tradicional oceânica cujas divindades não se encaixavam na minha própria tradição e experiência, provou ser de um valor estimável.

Daí resulta que os primeiros serviços que liderei e os sermões que preguei, foram feitos na língua vernácula da Melanésia — o pidgin.

Alguns leitores do PE recordar-se-ão do meu português inadequado e da minha pouca habilidade para a linguística, mas o processo de partilhar o evangelho na língua dos ouvintes é um aspeto vital do processo missionário.

A década passada na Papua Nova Guiné, como missionário, participando no estudo e construção de um projeto de desenvolvimento rural e no trabalho de ensino foram de grande valia para a minha preparação ao ministério presbiteral. Já no Reino

Unido, tive a oportunidade de me formar numa faculdade ecuménica, onde a teologia wesleyana era explicada e partilhada com colegas de diferentes denominações. Tive, também, a oportunidade de trabalhar com presbíteros e evangelistas que me demonstraram a importância de determinados requisitos para ir ao encontro do povo de Deus, nos locais de ensino, de trabalho e mesmo de detenção, como na prisão, onde passava um dia por semana.

Presentemente, passados que são 30 anos, gasto uma parte considerável de cada semana, incluindo os domingos, numa prisão de alta segurança com 600 presos do sexo masculino e 600 funcionários, lar de condenados por terrorismo e crimes de natureza sexual. O partir do pão e o partilhar do cálice com os reclusos são experiências incríveis de humildade que desafiam a minha compreensão inadequada do “Corpo de Cristo”.

Eu trabalho como membro de uma equipa de capelania que, na prisão, apoia todos os credos e até os não crentes. Os meus colegas são muçulmanos e pagãos, judeus e hindus, católicos romanos e pentecostais. O nosso trabalho com funcionários e presos, assim como, o meu contributo particular, requer sensibilidade no exercício de um processo que é transcultural e multidimensional. Um processo sustentado pela convicção de que o projeto universal de Deus não se limita aos contornos da herança cristã, mas que, simultaneamente, insiste na sua própria supremacia.

A força da missão de Deus na vida dos discípulos de Jesus é muitas vezes mais vibrante quando se expressa ecumenicamente. Atualmente, estou envolvido no projeto Churches Together (Igrejas em comunhão), como presidente e coordenador de uma iniciativa que pretende criar uma pastoral na indústria local de corridas de

uma missão transcultural

cavalos, na área de Ryedale, onde a Janice e eu vivemos. Esta iniciativa está a dar provas de ser um desafio emocionante. Os valores culturais, presentes em muitos aspectos das corridas de cavalos, não são reconhecidos por aqueles que frequentam regularmente as 20 igrejas do circuito de Ryedale; é

por isso que o trabalho é extremamente importante para a integridade do Evangelho, dando realce ao contexto em que as pessoas se inserem e não ao contexto em que eu/nós pensamos que elas deveriam estar inseridas.

*Peter Clark
Pastor Metodista
North Yorkshire, Reino Unido*



Espiritualidade em tempo de crise...



Não é fácil falar de espiritualidade em tempo de crise: pode soar, até, a uma legitimação espiritualista das dificuldades pelas quais muitos portugueses, muitos cidadãos dos países do Sul da Europa (e não só!) estão a passar. Pode ser um insulto aos seus dramas – pode ser uma forma de dar razão a Marx, quando este afirmava que “a religião é o ópio do povo”...

E, no entanto, como sabemos, a palavra “crise”, na Bíblia, significa “encruzilhada”, isto é, momento para tomar decisões, na sequência de processos de discernimento, momento para fazer perguntas e para se deixar desafiar por perguntas inquietantes. Algumas delas estão logo no início da Bíblia, quando Deus pergunta a Caim: “O que fizeste do teu irmão?” Outras são feitas por Jesus Cristo, como nos diz o capítulo 25 do Evangelho de Mateus: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber?”

No fundo, deixar-se desafiar por estas perguntas, é deixar-se desafiar pela pergunta que subjaz a estas interpelações: “de que lado estamos?” De que lado vemos a vida? Do lado dos privilegiados ou do lado dos frágeis? Do lado de quem fica na praia a ver os pobres que tentam entrar na Europa a afogar-se em Lampedusa ou do lado dos que ainda são capazes de chorar por eles, como bem recordava o Papa Francisco?

Dir-me-ão: “ah, mas não podemos ver a realidade de uma forma ‘tão linear’!”. Não me parece fácil contornar a linearidade da pergunta feita a Caim e da pergunta do Evangelho de Mateus ... Por

mais aparatos técnicos, tecnológicos, académicos, argumentativos e ideológicos nos quais nos refugiamos, há momentos da história em que se coloca a pergunta (a tal “linear”!): “de que lado estamos?”. Do lado da “economia que mata”, como diz Francisco, do lado da legitimação pseudo-religiosa das assimetrias (“nem todo o que diz: ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos Céus”) ou do lado das vítimas?

Por isso, tempo de crise é tempo de opções. Uma delas – fundamental – será desmontar uma “teologia da economia de mercado” que tem como inevitável, como parte de um “plano transcendente” e, por isso, inelutável, a produção da riqueza de alguns à custa da miséria da maioria – uma economia do lado do 1% à custa dos 99%.

Poderão dizer-me ainda: “mas, isso é um discurso político e a religião não tem política!”. O problema começa por nos perguntarmos o que é a política. Se é a vida na “polis”, em sociedade, tudo é política – tudo é pensar e intervir no mundo. Neste sentido, “Tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber” é um roteiro para um agir político, isto é, para a intervenção na sociedade. E será o desejo de contemplação de uma Criação onde a morte não tem a última palavra que nos moverá a agir para que tal não aconteça: “Vi um novo Céu e uma nova Terra”.

Teresa Toldy
Professora da Universidade Fernando Pessoa

Páscoa 2014 um desafio

- "Cristo ressuscitou!"
- É verdade, Ele vive entre nós!"

Ouvi estas palavras, ditas com convicção, com alegria transbordante, ouvi-as muitas vezes repetidas, quando, há alguns anos, passei a Páscoa com cristãos ortodoxos, no Leste da Europa. "Cristo ressuscitou!" – era assim que muitas pessoas se saudavam, na noite da Páscoa e durante todo o tempo pascal, substituindo desta forma o habitual "bom dia" ou "tudo bem?". Ao que se respondia, invariavelmente: "É verdade, ele vive entre nós!"

Ao mesmo tempo, entre amigos e familiares, entre velhos e novos, trocavam-se ovos coloridos, cuidadosamente decorados, como símbolo desta vida renovada em Cristo.

E nós? Nós que não queremos contentar-nos apenas com uns coelhinhos de chocolate ou umas amêndoas açucaradas, como é que nós celebramos a Páscoa? Como é que se manifesta na nossa vida

a alegria desta fé na ressurreição de Cristo? Como é que a anunciamos, ao nosso mundo, à nossa sociedade, às mulheres e aos homens com quem convivemos todos os dias? O que é que as crianças podem ouvir das nossas bocas e observar nos nossos gestos que lhes inspire a curiosidade de perguntar "O que é que distingue este dia de todos os outros?"

A pastora Margot Kässmann conta que, certo dia, estava a mostrar a sua igreja a um grupo de crianças quando uma delas, com cara muito séria, a surpreendeu com a sua pergunta: "Pastora, por que é que as igrejas têm um "sinal mais" (+) lá em cima da torre?"

Um caso extremo de ignorância, certo, mas que não deixa de desafiar. Pois é um facto que vivemos numa sociedade em que muitas pessoas já não têm mais do que vagas ideias do significado da Páscoa, nem conseguem vislumbrar qualquer possível relação entre esta festa e a sua vida.



► E, no entanto, é precisamente este impacto da ressurreição sobre a sua vida que os cristãos afirmam, que nós afirmamos como centro da sua e da nossa fé! Como, portanto, testemunhá-lo e comunicá-lo às pessoas do nosso tempo?

Jacques Chéry, um artista do Haiti, tentou, para o seu contexto, responder a este desafio usando o seu grande dom, a arte. Conheço a sua pintura há já um bom número de anos, porém, ela continua a fascinar-me: raramente vi um texto ou uma imagem que de forma tão viva testemunhasse o evangelho da Páscoa! E ela continua a desafiar-me: como é que nós, aqui em Portugal, podemos mostrar esta relação entre o evangelho e a nossa vida, hoje?

No centro vemos Jesus – as raízes da árvore a que está pregado, estendem-se até às trevas do mundo: vemos cenas de violência e guerra, os discípulos assustados numa embarcação (Mateus 8,23ss) que faz lembrar os barcos sobrelotados dos refugiados no Mediterrâneo, vemos um mundo dominado por Mamon, marcado pela concorrência e pela competição. No meio destas trevas distingue-se uma figura vestida de vermelho – Jesus – ao lado dos que sofrem, no meio das grandes crises, no vale da sombra da morte. E é como se esta presença suscitasse, no meio deste lado mais sombrio da humanidade, pequenos gestos de solidariedade ...

Em contraste, entre os ramos da árvore vislumbrase o mundo da promessa: os 10 mandamentos com a evocação dos direitos humanos como um guia para uma vida plena, representada como um novo paraíso em que os succulentos frutos da terra e do trabalho são partilhados numa mesa que tem lugar para todos. De novo, Jesus no meio das pessoas, a ensinar o caminho (João 14,6) e, depois, sentado à mesa, num alegre banquete.

No centro da pintura, Jesus na cruz a vencer as trevas e a morte, a abrir uma passagem para a vida – para a nossa vida: a Páscoa!

Jesus enviou os discípulos à Galileia, disse-lhes para voltarem à sua vida quotidiana, às suas famílias e aos seus barcos de pesca e prometeu-lhes: será aí que me encontrarão (Mateus 28,7).

E nós? Onde é que nós encontramos Jesus? Que cenas pintamos nós, que histórias contamos, que cânticos entoamos, que gestos realizamos, para anunciarmos, com alegria, com convicção, aqui na Europa, aqui em Portugal, às pessoas desanimadas com a crise, nesta Páscoa de 2014: "Cristo ressuscitou! Sim, Ele verdadeiramente vive entre nós!"?

*Eva Michel
Pastora da Igreja Presbiteriana*

Votos de Páscoa do

1. Lê-se num antigo conto judaico que vivia numa aldeia uma família pobre: pai, mãe e uma filha pequena. O dinheiro não abundava, mas nunca ninguém os ouviu lamentar-se.

2. Aproximava-se entretanto a Páscoa, e a família não tinha meios para comprar as roupas novas requeridas para a festa. Na véspera da festa, a filha disse para o pai: «A Páscoa está a chegar; por que é que ainda não comprámos as roupas novas?» Retendo as lágrimas, o pai



feliz profeta Elias

respondeu: «Não te preocupes, minha filha; o profeta Elias enviar-nos-á as roupas novas; não precisamos de as comprar». Mas a pequena, não totalmente satisfeita com a candura da promessa, adiantou: «Papá, e se eu escrevesse ao profeta Elias para lhe dizer aquilo de que precisamos?» O pai sorriu e disse: «Escreve, filha».

3. A menina pegou num lápis e numa folha de papel e escreveu: «Elias, para a Páscoa, mandanos, por favor, um casaco para o papá, uma saia

para a mamã, e uns sapatos brancos para mim». Estava para ir meter a carta no correio, quando parou e perguntou: «Papá, de que me vale pôr a carta no correio, se não sei o endereço do profeta Elias?» Respondeu o pai: «Atira-a pela janela, porque o profeta Elias irá recolhê-la onde ela cair».

4. A menina fez como o pai lhe tinha dito. E cheia de uma fé simples e ingénua, ficou à espera de ver realizado o seu pedido.

5. Passava naquela altura debaixo da janela um homem rico que, ao ver cair ao chão aquela folha de papel, a apanhou e viu o que nela estava escrito. E disse de si para consigo: «Esta noite é festa e não posso desiludir esta pobre família e, sobretudo, a fé da menina». Pôs então numa linda caixa as roupas pedidas na carta, e deixou a caixa junto da porta daquela casa, com um cartão que dizia: «Votos de Páscoa Feliz do profeta Elias».

6. É desarmante a inocência da menina desta história! No meio da pobreza e das lágrimas a custo retidas dos seus pais, ela acredita na alegria, e acaba por conseguir vestir de festa aquela casa. Na tradição bíblica e judaica, Elias é o precursor do Messias. Por isso, em cada festa da Páscoa, que os judeus celebram em família pela noite dentro, a porta da casa fica aberta para que Elias possa entrar; na mesa da Ceia há sempre um lugar a mais, destinado a Elias; nesse lugar, é colocado o respetivo talher e uma taça já cheia de vinho, à espera de Elias.

7. O Livro do Apocalipse (21,4), no seguimento de Isaías 25,8, põe Deus a «enxugar cada lágrima dos nossos olhos». A expressão é ousada, pois não fala de olhos sem lágrimas, mas de olhos cujas lágrimas são enxugadas. Atente-se na diferença: os nossos olhos podem manter-se enxutos por cínica indiferença perante o sofrimento dos outros, ou por um esforço estóico para suportar o nosso próprio sofrimento, ou porque já não há mais lágrimas para chorar. Mas uma lágrima enxugada é diferente de olhos enxutos. As lágrimas representam a nossa história de sofrimento. Dizer que as lágrimas são enxugadas significa dizer que no nosso tempo entra um tempo novo, o futuro-presente de Deus, onde o sofrimento será apagado pelas mãos carinhosas de Deus.

8. Viver a Páscoa, que é o tempo em que vamos, não significa indiferença ou estoicismo, mas, antes, enxugar carinhosamente as lágrimas que correm pelo rosto dos nossos irmãos. O tempo em que vamos é (pode ser) uma viagem para a alegria. E cada um de nós pode ser o precursor desse tempo novo. «Votos de Páscoa Feliz do profeta Elias».

António Couto
Bispo de Lamego



Cristo ressuscitou... a esperança de Vida depois da morte

Um pescador que usava uma canoa de um tronco escavado, todos os dias ao entardecer, descia para o mar com a sua rede e anzóis; a sua pesca realizava-se no alto-mar. Em cada dia trazia consigo uma boa quantidade de peixe de qualidade para a sua família e para a sua comunidade. A rotina foi ganhando espaço nos hábitos do pescador, da família como na vizinhança, de modo que, se o pescador ficasse doente, toda a gente ficava doente porque não havia alimento nesses dias.

Um dia o pescador não se apercebendo do tempo que se previa, fez-se ao mar. Eis que o tempo muda de repente e, estando ele no alto-mar, de noite, a sua canoa, que não tinha motor nem vela, foi batida por ondas muito grandes e ele foi cuspido, tendo as redes e anzóis já sido lançados ... Agarrado a uma boia de salvação que levava na sua canoa, ficou três dias no mar, a canoa a flutuar de um lado para outro arrastada pela força das gigantescas ondas e do vento forte.

Sem conseguir ver onde é que se encontrava a canoa nem a rede lançada, o pescador perdeu o norte e a esperança. A família e a vizinhança choravam dia e noite e circulavam pelas praias, todavia já sem esperança de o encontrar vivo. Ao fim do terceiro dia de tempestade, o mar acalmou-se, o pescador viu a sua canoa a cerca de duzentos metros; ele esforçou-se e nadou até alcançá-la.

Que alegria! Dentro da canoa encontrou o mantimento e a água potável que levara de casa; alimentou-se e viu as boias da rede flutuando a escassos metros. Qual o seu espanto ao verificar que a rede estava cheia de peixes, violentamente empurrados pelas ondas gigantes. Aos anzóis também estavam presos peixes de grande valor comercial. Encheu a sua canoa e o resto que ficou na rede foi sendo puxado até à praia. Ao aproximar-se, viu gente desesperada e exausta ... parecia

moribunda; era a sua família e a vizinhança que não conseguia despegar-se da praia, buscando-o Ao ver o barco ao longe, mesmo sem esperança de encontrar o pescador com vida, correram ao encontro da canoa, para a recuperar. Eis que de repente ouvem a voz do pescador que chama pelos seus nomes; o susto e o espanto dão lugar à alegria que os anima. A alegria do pescador e da comunidade irrompeu junto ao mar e acompanhou-os na caminhada até na aldeia. Na casa do pescador essa alegria foi vivida intensamente.

Pascoa é o renascer, é o voltar à vida, uma vida melhor que a primeira, é uma vida cheia de esperanças e de maior regozijo mesmo para os que não entendem o seu significado.

CRISTO RESSUSCITOU, anunciando desta forma a esperança de vida depois da morte. Que Boa Nova é esta para a humanidade!

Na primeira Páscoa ocorrida no Egito, os israelitas deixaram a escravatura para uma vida livre e de regresso a 'uma terra que mana leite e mel', isto é, além da liberdade, puderam também contar com enorme fartura!

Que Boa Nova receberam as mulheres que correram de madrugada para o sepulcro; cheias de medo e receio de não conseguir remover a pesada pedra do sepulcro, ao chegarem lá, a pedra tinha sido removida e receberam a novidade de que Jesus ressuscitara.

Jesus nos diz: "A paz esteja convosco!" Que Boa Nova é esta!

Ide anunciar aos outros e que a paz esteja convosco! Festejem para sempre esta Boa Nova.

FELIZ PÁSCOA para sempre!

João Damião
Pastor Metodista
Maputo

Jesus nos incita à proximidade

Em que sentido a nossa comunidade é família?

De que forma, uma comunidade se transforma numa família alargada?

Como podem as pessoas à sua volta vir a ser envolvidas?

De entre aqueles e aquelas que O acompanhavam, no momento difícil da crucificação, Jesus destaca sua mãe e destaca João, o discípulo amado. As relações humanas estão aqui em causa. Nesta entrega mútua de cuidados – a entrega daqueles que amava profundamente, a mãe e o discípulo, a dimensão familiar de âmbito restrito como que se transfigura, neste momento, alargando-se a uma dimensão outra. Sendo a entrega feita num contexto que não se fecha no círculo familiar, mas que se define por todos/as os/as que o acompanharam, naquele momento doloroso, Jesus continua a sua missão – a missão de instaurar uma nova comunidade, a comunidade daqueles e daquelas que O seguiram no seu percurso na terra; a comunidade de todos aqueles e aquelas que O vierem a seguir, em todos os tempos e em todos os lugares. Uma nova família estava assim formada: a família cristã.

A imagem, ao pé da cruz, dos dois seres fragilizados pelo atroz acontecimento – Maria e o discípulo amado é fixada nas singelas e breves palavras pronunciadas por Jesus, para todo o sempre. Por um lado, a imagem por excelência do amor humano (mãe e filho unidos na dor); por outro lado, transcendendo as limitações humanas, a imagem por excelência do amor divino, que transfigura as

relações próprias dos laços de sangue, numa relação muito mais forte e duradoura, a comunhão que entre os seguidores e as seguidoras de Cristo se instaura quando a ligação com Deus se refaz – quando a religião acontece, no ato de (re)ligar o ser humano a Deus. Ali aos pés da cruz, símbolo perfeito e total dessa comunhão – o braço vertical da cruz simbolizando a ligação a Deus; o braço horizontal da cruz simbolizando a comunhão entre cristãos, contínua e continuamente religados a Deus. Maria e João simbolizam a nova comunidade – a comunidade que Jesus veio criar na terra; já não apenas judeus, mas todos aqueles e todas aquelas que aceitando o convite de Jesus entram para essa família – a Família Cristã. Já não apenas o homem, mas também a mulher. Sem exclusão – de género, de raça ou de cor; sem figuras subalternas – senhor ou escravo, homem ou mulher ...

Aqui, já bem próximo da morte, que lhe é infligida pelos algozes, no fim da sua vida terrena, vemos Jesus a incitar ao amor e ao cuidado a termos uns e umas pelos outros e pelas outras. Esta preocupação em incutir o amor, em fazer viver pelo amor e pelo cuidado, em pautar o nosso dia a dia pelo amor e pelo cuidado a ter com o nosso semelhante, com o nosso próximo, com o nosso familiar é uma



► revelação poderosa e remete para a glória que a própria morte revela porque, pela morte, Jesus revela o seu imenso amor.

No decorrer da sua missão, pelos seus ensinamentos, que passaram essencialmente pelo exemplo que dava, Jesus foi construindo uma nova comunidade à sua volta e, na despedida final, Ele reforça a sua visão dessa nova comunidade, fazendo esta entrega recíproca: a mulher é entregue ao discípulo e o discípulo é entregue à mulher ... numa mútua dependência, em que ambos os seres se assumem como a que ama e cuida – o que é amado e cuidado; o que ama e cuida – a que é amada e cuidada ... Jesus vinha já reforçando, nos últimos dias de vida, repetidamente, através da sua própria relação com o Pai, falando aos que O seguiam de como se participa da VIDA, vida essa que enfaticamente, por Ele é caracterizada pelo amor.

Agora, os ensinamentos dados à nova comunidade, neste momento derradeiro, são completados; esta comunidade é o fruto da sua morte – sacrifício por Ele aceite e levado até ao fim e, paradoxalmente, é e será para todo o sempre o lugar da vida com Deus na terra! Porque, se a vida é caracterizada pelo amor, é sem dúvida, necessária uma comunidade que expresse esse amor! A vida da comunidade deriva da dádiva pessoal em que Jesus se constitui e, por sua vez, a dádiva gratuita, a dádiva pessoal terá de ser ... é esta dádiva que caracteriza a comunidade cristã por ela própria. A morte de Jesus é, ao mesmo tempo, a revelação do amor de Deus e um exemplo vivo do amor-dádiva que se personaliza nesta entrega, feita por Jesus: de Maria a João e de João a Maria.

A missão da comunidade é viver, crescer e aperfeiçoar-se ... da mesma forma que a missão da família é viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas que se caracteriza pela unidade e indissolubilidade. A família é o lugar privilegiado para a realização pessoal junto com os seres amados; da mesma forma, à luz da cena, aqui convocada, que se viveu aos pés da cruz, a

comunidade cristã é o lugar privilegiado para a realização pessoal junto com os seres amados.

A família precisa de ser lugar de realização pessoal e tornar-se comunidade de pessoas. A comunidade é família quando as pessoas que a constituem entram na dependência que Jesus revela na entrega que fez, naquele derradeiro momento. As pessoas não são coisas; ninguém deve subjuguar ninguém; ninguém deve colocar-se em situação de superioridade sobre ninguém. Na comunidade há papéis e funções diferentes, é bem verdade tal como na família restrita. Cada um e cada uma é chamado/a a assumir um desses papéis; a Maria, Jesus confiou o papel de mãe de João; a João, Jesus confiou o papel de filho de Maria.

Para que uma comunidade tenha consistência e faça caminhada com o fim de se fortificar, forçosamente será necessário definir papéis, atribuir funções, criar espaços necessários ao encontro, à acolhida das pessoas e suas riquezas, às diferenças e às limitações mútuas; espaços de partilha das alegrias e das dores, das vitórias e das derrotas. Por esta razão, os encontros, as vivências comuns, as partilhas são necessárias ao fortalecimento espiritual dos membros de uma comunidade. Não se concebe uma comunidade de pessoas que não tenha a preocupação e a alegria de provocar o encontro regular dos seus membros tal como Jesus provocou o encontro Maria/João, homem/mulher, Judeu/Gentio ... “Mulher, eis aí o teu filho; João, eis aí a tua mãe”. A missão da comunidade é efetivamente viver, crescer e aperfeiçoar ... viver é conviver ... conviver é estar com ... conviver é ser para ... conviver é envolver o outro, a outra no reino de Deus. Os encontros, sejam eles de que cariz forem (espirituais, recreativos, intelectuais, de repouso, ...), é que possibilitam o aperfeiçoamento da comunidade como um todo, da comunidade que constitui a família cristã.

*Estela Ribeiro Lamas
Diaconisa da Igreja Metodista*





A radicalidade do Evangelho

Mateus 13, 44-46

Qual o anúncio central da Evangelização? Vem. Sai. Deixa. Muda. Transforma-te. Nada nos evangelhos nos diz que a evangelização é uma mensagem de guardar tradição, de repetir, de ficar, de racionalmente compreender. Tudo no Novo Testamento nos diz que a mensagem que muda vidas é uma mensagem radical de tudo ou nada, de urgência, de conversão. Ser cristão é uma condição que necessita, que só existe depois de uma conversão. O Novo Testamento chama-lhe o novo nascimento. Tornamo-nos pessoas diferentes, com características diferentes, com maneira de pensar diferente, como modos de agir diferentes. Somos novas pessoas e vivemos num reino diferente que tem novas leis, novas regras e novos paradigmas: o Reino de Deus. Então o que é necessário para fazer parte deste Reino? O texto de Mateus 13 explica claramente que para entrar no Reino é essencial a renúncia. Este texto fala de algo central na pregação de Jesus: o custo da conversão.

*O Reino do Céus*¹ é semelhante a... O Reino de Deus é um tempo de escolhas. O convite é para que cada um abandone o seu modo de vida e experimente uma nova maneira de ver o mundo, de interagir com o seu semelhante, de esperar e desejar coisas diferentes que estão para além da sobrevivência diária. Jesus anuncia um Reino que só pode ser alcançado através da coragem de fazer escolhas radicais.

Estrutura:

- A. Também o Reino de Deus é semelhante a um tesouro escondido num campo
- B. Que um homem *achou* e *escondeu*
- C. E pelo gozo dele, vai, *vende* tudo o que tem
- D. E *compra* aquele campo.

- A'. Igualmente o Reino dos Céus é semelhante ao homem negociante de pérolas; que *busca* boas pérolas
- B'. e encontrando uma pérola de grande valor,
- C'. foi *vender* tudo quanto tinha,
- D'. E *comprou-a*.

¹ Mateus usa a expressão Reino dos Céus, pois o auditório imediato deste evangelho era a comunidade judaica. Mateus percebia o pudor dos judeus vocalizarem o nome de Deus e assim preferiu usar a expressão Reino Dos Céus.



- As duas parábolas seguem uma estrutura paralela: Encontrar/esconder e de buscar/encontrar. As duas parábolas têm os mesmos 5 elementos em ordem idêntica: 1. Algo valioso: (tesouro/pérola). 2. Encontrar. 3. Ir. 4. Vender tudo o que se tem. 5. Comprar (o campo/a pérola).

Comentário:

Na antiguidade era comum as pessoas enterrarem os seus bens, era um modo de os pôr a salvo de ladrões. O imaginário popular do Mundo Antigo estava cheio de histórias onde um pobre assalariado descobria um tesouro de grande valor que lhe mudava o curso de vida.

O homem desta parábola tem uma oportunidade de sonho. O tesouro não é resultado de trabalho árduo, ou recompensa por uma boa obra. O tesouro é encontrado. É algo que acontece sem razão. Se o encontrar foi involuntário, o facto de o homem decidir vender tudo para comprar o terreno já não é casual. Demonstra que o homem comprehendeu o valor do que encontrou: **um campo que continua normal para todos é agora especial para este homem**. A parábola não descreve apenas *boa sorte*, mas fundamentalmente a capacidade do homem de perceber o que encontrou e a ousadia de tomar uma decisão radical: vender TUDO.

Um negociante de pérolas, que procura pérolas finas, encontra uma de grande valor, vende tudo o que tem e compra essa pérola. Alguém que negociava quantidade, encontrou qualidade e vendeu tudo apenas por uma e esquecendo todas as demais.

Há alguma diferença entre as duas parábolas. Na primeira o tesouro é encontrado por acaso, na segunda o negociante andava em busca de coisas

preciosas: um homem tropeça no seu tesouro, outro procurava-o incessantemente. Mas seja por acaso ou porque se procura, o encontrar o Reino tem como resultado a percepção do seu valor e a coragem de tomar uma decisão arrojada. Nas duas parábolas é claro que aquele que descobre o Reino de Deus e percebe o seu valor, só pode cheio de alegria desfazer-se de tudo o que antes considerava precioso, para poder desfrutar deste tesouro muito melhor e muito mais valioso.

Estas parábolas, exclusivas de Mateus, refletem vários temas transversais à pregação de Jesus:

- 1. O valor do Reino está encoberto para a maioria.**
"Graças te dou Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondesteas estas coisas dos sábios e prudentes, e as revelasteas aos pequeninos". (Lucas 10,21-22) **O Reino está presente, mas nem sempre a sua presença é perceptível.**
- 2. O sacrifício:** "As raposas têm covis, e as aves do céu ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lucas 9,58) Estas duas parábolas salientam o custo do discipulado. Ser discípulo de Jesus, significa uma mudança de paradigma, o que era valioso anteriormente, deixa de ser importante porque se encontrou algo muito melhor.
- 3. O investimento total:** O trabalhador e o negociante venderam tudo o que tinham. Esta é a pregação de Jesus. "Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus". (Lc 9,62) "Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres os teus bens e segue-me." (Mc 10,17-27)



Deixar tudo, é muito claro na mensagem de Jesus. É preciso ter um coração despojado das riquezas do mundo para poder receber as riquezas de Deus. Só alguém que está disposto a abrir mão do que já tem, (o homem que encontrou o tesouro tinha bens, o negociante de pérolas era rico, pois só um homem rico negoceia em pérolas) pode acolher o Reino de Deus. Ou seja **não podemos ser quem éramos, ter o que tínhamos e viver como vivíamos e depois juntar a isso a descoberta do Reino. Não se pode acumular, é necessário substituir:** Ou se tem os bens e o negócio de pérolas e não se pode comprar os terrenos e a pérola de grande valor, ou nos desfazemos do que tínhamos e então podemos tomar posse do verdadeiro tesouro. **O Reino de Deus é uma escolha com custos e renúncia, não é uma mais-valia que se acresce ao que já se possui. O Reino de Deus exige de nós tudo o que temos, tudo o que somos, não há meios termos, é o tudo ou nada.**

4. O valor da descoberta: O Reino de Deus é muito valioso. **Tudo o que julgamos valioso e relevante aos olhos humanos é supérfluo quando se encontra a verdadeira riqueza: O Reino de Deus.**

5. Na chamada de Deus há sempre renúncia, escolha, mudança. É essencial deixar tudo. Abraão deixa a terra dos teus pais. Moisés tira as sandálias dos teus pés. Ó meu povo, deixa os ídolos que te escravizam. Ó Jerusalém que matas e apedrejas os profetas, deixa as alianças com os outros povos que trazem a tua destruição. Marta, deixa os teus afazeres. Maria e José, deixem a vossa vidinha. Ó gentes da Galileia e Judeia, deixem os bens que vos aprisionam. Ó discípulos

que querem honra e triunfo, busquem o Reino de Deus e a sua justiça e tudo mais vos será acrescentado.

Deixemos a vida que cada época escolhe para a sua geração. Deixemos esta ideia de sucesso, entretenimento, descaso e escolhemos uma vida radical: Ir por todo o mundo batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando cada um a guardar os mandamentos de Deus. Como sempre, desde sempre, para sempre, aquilo que o Senhor pede, é que abramos mão daquilo que a cultura onde vivemos julga precioso. Aquilo que se pede para entrar no Reino é: despojamento total e entrega sem limites.

Conclusão:

Esta noção do valor do Reino e da necessidade de investimento total responde às necessidades do mundo de hoje onde tudo se contabiliza, tudo se afere, e sempre se averigua o risco. Neste mundo de quantidades e salvaguardas, esta mensagem é total: temos que deixar tudo para alcançar o Reino. E aqueles que encontram o Reino, que recebem a sua mensagem e que respondem com um discipulado de entrega e renúncia, experimentam a alegria e a plenitude. Eles sabem que o Reino é real e valioso. Eles procuram primeiro o Reino de Deus e sacrificam tudo por ele, e sabem que paradoxalmente o Reino é tudo o que esperavam, tudo o que desejaram, tudo o que precisam.

*Maria Eduarda Titosse
Pastora da Igreja Presbiteriana*

O Grupo Bíblico Universitário (GBU) é um movimento de estudantes e graduados que acreditam na relevância da mensagem de Jesus para a sociedade e para os indivíduos. Existe em Portugal há mais de 40 anos e neste momento está presente em cerca de 16 cidades em Portugal. Nos últimos 4 anos tenho estado bastante próximo do GBU no Porto, grupo local em que participam cerca de 50 estudantes de diferentes faculdades e cursos. O meu percurso académico tem sido marcado de forma indelével pelo GBU, onde tenho sido estimulado a viver e pensar a fé e, muito particularmente, aprendido a diferença entre ser um estudante cristão e ser estudante e cristão. Mas antes de explorar um pouco mais esta ideia, deixem-me contar-vos, afinal de contas, o que fazemos no GBU.

As atividades regulares do GBU Porto são os

chavão de “levar Deus para a universidade”, pelo desafio de O descobrir lá e perceber como Ele atua e está presente nas salas de aula e laboratórios. Porque tudo o que é verdadeiro, belo e bom emana de Deus! A salvação que temos em Cristo não nos suga da realidade em que estamos inseridos quotidianamente, antes recupera-nos para redirecionarmos tudo o que somos e fazemos para o Reino de Deus. Por isso, os estudos bíblicos, a oração e as plenárias no GBU (e sem esquecer, claro, as atividades nas igrejas locais) servem para motivar os estudantes para um compromisso verdadeiro e sadio com a universidade, reorientando a forma como encaram o seu curso e o que fazem com ele. No fundo, é aí que aprendemos a ser estudantes cristãos!

Estudantes alcançando estudantes. Este é outro lema do GBU. Na universidade, queremos ser

Há um Grupo que é Bíblico e

núcleos semanais de estudo bíblico e as plenárias mensais. Os núcleos são pequenos grupos de estudantes que, na sua faculdade, se juntam para estudar um livro da Bíblia. As plenárias são eventos mensais onde todos os estudantes do grupo local se juntam para participar numa palestra sobre temas que cruzam a fé cristã com a realidade da universidade. O nosso objetivo é que estes momentos sejam relevantes para os estudantes universitários e onde não-cristãos se sintam também à-vontade para participar.

Uma fé que pensa, uma razão que crê. Esta pequena frase é o lema do GBU e encerra em si tanto uma verdade extraordinária como ao mesmo tempo traça um desafio para todos os cristãos. A nossa fé não é desprovida de razão e, por isso, devemos estar preparados para com confiança apresentar as razões da nossa esperança, tal como lemos em I Pedro. Mas, ao mesmo tempo, a nossa razão precisa de ser humilde para crer. A nossa fé no Criador de todas as coisas, que cria através da Palavra e por isso mesmo torna o mundo inteligível, é o motivo primeiro para devermos querer estudar, aprender e conhecer mais. Assim, a universidade não é – nem deve ser – um terreno árido para a fé que cristã. Muito pelo contrário! Se Deus é o Deus do Universo, então devemos preocupar-nos com o que se passa no mundo, desde o ambiente aos direitos humanos. E por isso devemos estudar Engenharia do Ambiente e Direito.

Parte da missão do GBU é precisamente passar esta visão aos estudantes. Recordo que, em 2011, numa conferência sobre Fé e universidade na Universidade do Porto, Vinoth Ramachandra lembrou que como cristãos devemos trocar o



Samuel Filipe @ GBU

um braço da Igreja. Costumamos dizer que a universidade é o campo missionário dos estudantes e por isso enfatizamos o compromisso com a evangelização. Como cristãos temos de contar a história de Jesus e vivê-la. A universidade, que pode parecer até um lugar cinzento, faz-se na verdade de interações, de pessoas que pensam, discutem, convivem e se relacionam intensamente. Por isso é um terreno fértil para partilharmos a nossa vida com amigos e colegas e assim espelharmos Cristo. As conversas nos cafés e corredores, os debates nos anfiteatros e as aulas são oportunidades para percebermos os temas que (pre)ocupam os estudantes não-cristãos, os seus anseios, dúvidas e ambições. Temos de os ouvir para nos identificarmos com eles e chegarmos ao coração, por trás das conversas, tal como Jesus fazia. Se não estivermos nos debates

sobre feminismo ou sobre a utilização de energia nuclear, para além de nos estarmos talvez a arredar do cumprimento da missão integral, também provavelmente os nossos amigos não estarão presentes em debates sobre Deus e o sofrimento ou sobre Jesus, o homem que dizia ser Deus.

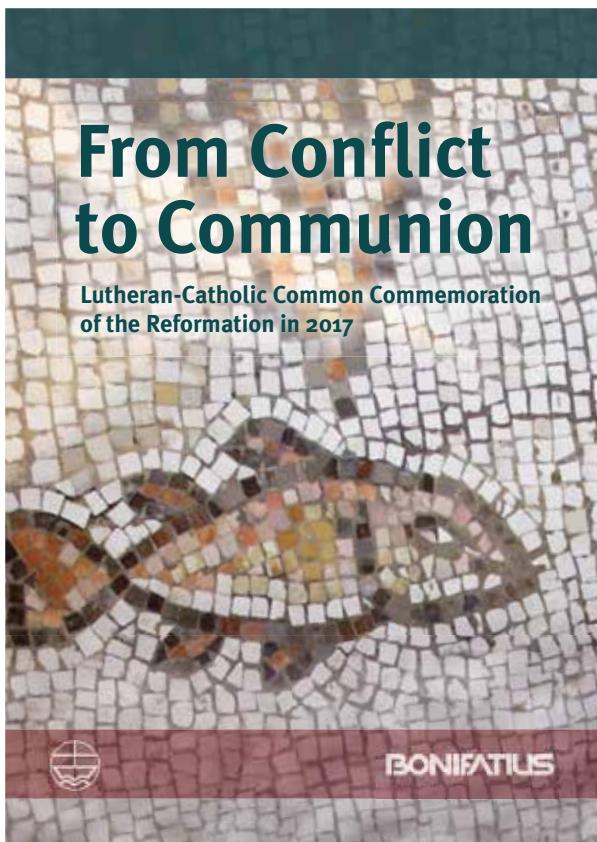
O GBU incentivou-me a ter um compromisso sério com a minha fé, com Cristo e a salvação que tão graciosamente obtemos por Ele e com a partilha da história de Jesus. E nisso, ensinou-me que, enquanto estudante, preciso também de ter um compromisso sério com a universidade, procurando perceber como esta redenção já parcialmente realizada transforma o que estudo, o que faço com isso e a minha relação com os meus amigos e colegas. Ao fim e ao cabo, ser um estudante com uma fé que pensa, uma razão que crê e que quer alcançar outros estudantes para Cristo. Que Deus me ajude!

Pedro Fonseca
GBU

¹ Vinoth é um físico e teólogo do Sri Lanka que trabalhou durante vários anos no Sul da Ásia com a International Fellowship of Evangelical Students – a organização internacional a que o GBU pertence.

Universitário!





From Conflict to Communion

Lutheran-Catholic Common Commemoration of the Reformation in 2017



Participantes do diálogo MWC-BWA

actual dos metodistas e baptistas. Este diálogo tem como co-presidentes o Rev. Dr. Tim Macquiban, Superintendente do Circuito Metodista de Cambridge e Pastor da Igreja Metodista de Wesley em Cambridge, Inglaterra e o Rev. Dr. Curtis Freemam, professor e director na Universidade de Duke, em Durham, na Carolina do Norte.

Durante os dias do encontro, os participantes tiveram a oportunidade de cultuarem em conjunto segundo as suas tradições particulares. A reunião do próximo ano está planeada para Singapura onde será debatido o tema da natureza da igreja tendo como subtemas a justificação e a santificação.

("Ecumenism in Canada")

CATÓLICOS E LUTERANOS PUBLICAM DOCUMENTO CONJUNTO SOBRE A REFORMA

A Igreja Católica e a Federação Luterana Mundial publicaram o documento 'Do conflito à comunhão', tendo em vista o 5.º centenário da Reforma de Martinho Lutero (1483-1546) que levou à separação de Roma.

O documento é fruto de quatro anos de trabalho da comissão bilateral para o diálogo entre as duas Igrejas e percorre a história, "por vezes dolorosa", da relação entre católicos e luteranos, adianta a Rádio Vaticano. (wcc)

Os progressos no diálogo teológico, desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) e as divergências que ainda existem são também analisadas no texto, divulgado em Genebra (Suíça), na presença do presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, cardeal Kurt Koch.

DIÁLOGO BILATERAL ENTRE BAPTISTAS E METODISTAS

Representantes da Aliança Mundial Baptista e do Conselho Mundial Metodista reuniram-se no passado mês de Fevereiro na universidade de Samford em Birmingham, Alabama, dando início à primeira da série de conversações internacionais entre Baptistas e Metodistas. O tema escolhido para esta abertura do diálogo foi "A fé age pelo amor".

Os participantes discutiram as diferentes apresentações introduzidas pelas diferentes delegações sobre a história, teologia e situação

Centro Hospitalar São João promove celebração com diferentes comunidades cristãs do Porto

O Serviço de Assistência Espiritual e Religiosa do Centro Hospitalar São João promove hoje, uma celebração ecuménica na capela do hospital que vai reunir ministros e membros das diferentes comunidades cristãs do Porto.

"Lugar para todos, o Hospital de São João, agora Centro Hospitalar, é casa onde se cruzam pessoas de todos os credos e opções espirituais", refere a nota de imprensa.

Esta celebração ecuménica intitulada '*Unidos em Cristo da morte à vida*' é por isso "uma expressão da vontade de abertura e de respeito pelo direito dos doentes a encontrarem, quando internados, assistência espiritual e religiosa segundo as suas convicções".

Para dar resposta a todos os doentes "desde o início do século que ocorre na Capela do Hospital" esta celebração que pretende assim reunir "ministros e membros das diferentes comunidades cristãs da cidade do Porto".

A iniciativa conta com intervenções de peças musicais provenientes de diferentes tradições eclesiásias a cargo do Coro Polifônico da Lapa.

A organização desta celebração ecuménica explica que "este ano é especial" devido à regulamentação interna da nova legislação sobre a 'Assistência Espiritual e Religiosa nos hospitais'.

“O novo quadro legal traz uma novidade: a assistência espiritual e religiosa no hospital deixa de se fundar no direito das comunidades religiosas a assistir os seus membros internados, para passar a assumir como fundamento o direito dos doentes a serem assistidos espiritual e religiosamente qualquer que seja a sua pertença”, conclui a nota.

(Porto, 03 abr 2014 (Ecclesia)

IGREJAS CRISTÃS ASSINARAM DOCUMENTO INÉDITO

«Sejamos consequentes e avancemos», pediu D. Manuel Clemente aos responsáveis, após reconhecimento mútuo do Batismo

25 jan 2014 (Ecclesia) – Os representantes das Igrejas Católica, Lusitana, Presbiteriana e Metodista assinaram hoje em Lisboa, pela primeira vez, uma declaração de reconhecimento mútuo do Batismo.

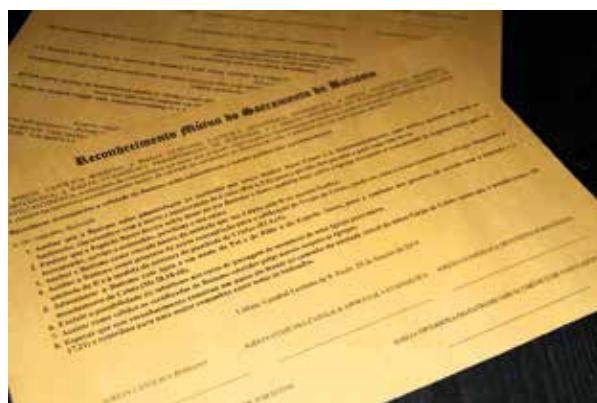
A assinatura aconteceu durante a celebração ecuménica nacional, na catedral Lusitana (Igreja Anglicana) de São Paulo, na presença de D. Manuel Clemente, patriarca de Lisboa e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa.

Segundo este responsável, as Igrejas cristãs estão unidas em torno da “voção e do chamamento”, também através da “pertença a Cristo” e no “acolhimento da relação”, elencou durante a homilia que proferiu na celebração ecuménica.

“Com a unidade destas três vertentes não temos todas as razões para na prática encontrarmos a unidade?”, questionou o Patriarca de Lisboa.

“Sejamos consequentes e avancemos”, pediu aos presentes na celebração que juntou, ao final da tarde, dezenas de jovens das diferentes Igrejas cristãs e foi concelebrada por vários sacerdotes católicos.

O representante da Igreja Ortodoxa (Patriarcado



Ecuménico de Constantinopla) em Portugal não esteve presente na celebração por motivos de saúde, tendo sido assegurado a sua assinatura posterior.

D. Sifredo Teixeira, bispo da Igreja Metodista, em declarações à Agência Ecclesia, não escondeu que a “grande esperança” é a “celebração conjunta da eucaristia”, mas sublinhou a importância da declaração como sinal de que “a fé cristã não fique só por palavras mas mostre gestos concretos”.

A declaração mostra a “unidade básica” a Cristo, explicou o bispo Jorge Pina Cabral, da Igreja Lusitana, que expressou ainda a convicção de que “a celebração conjunta da eucaristia” acontecerá no tempo que testemunhamos, “providenciada pela vontade de Deus”.

“Não devemos caminhar com objetivos concretos, mas devemos procurar que o espírito nos guie”, indicou à Agência Ecclesia.

O documento hoje assinado oficializa a “concordância” das várias Igrejas “sobre os pontos fundamentais de doutrina e prática batismal”.

As comunidades cristãs que o assinam dizem “esperar que este reconhecimento constitua um passo em frente no caminho da unidade visível do único Corpo de Cristo” e “contribua para uma maior comunhão entre todos os batizados”.

Os oito pontos da declaração destacam a validade do Batismo “instituído” por Jesus Cristo como “vínculo básico da unidade” entre cristãos, para formar uma “comunidade do Espírito Santo que, em testemunho, serviço e comunhão, proclama o seu reino”.

A partir de hoje, as comunidades em causa passam a excluir a possibilidade do “rebatismo” nos casos de passagem de membros de uma Igreja para outra e a aceitar como válidos os certificados de Batismo emitidos pelas respectivas Igrejas.

O reconhecimento estipula que o Batismo tem de ser administrado “com água e em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, para a remissão dos pecados, de acordo com a intenção e o mandamento de Cristo”.

A assinatura, no dia conclusivo da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, aconteceu num contexto de oração, reunindo jovens e hierarcas das diversas Igrejas.

O ‘Diretório para a aplicação dos princípios e das normas sobre o ecumenismo’ (Santa Sé) pede explicitamente um reconhecimento recíproco e oficial do Batismo, destacando as implicações teológicas, pastorais e ecuménicas desse ato.

notícias

Igreja Metodista

ENCONTRO DAS FUNDAÇÕES DO COPIC

No passado dia 28 de Novembro, nas instalações do Centro Social da Cova e Gala, realizou-se o primeiro encontro de Instituições de Solidariedade Social do Conselho Português de Igrejas Cristãs. O propósito deste evento visa o estabelecimento de relações entre instituições, assim como o debate dos grandes desafios e oportunidades que se colocam a este setor solidário, neste tempo de dificuldades várias. Neste encontro estiveram presentes representantes da Fundação Valdozende e da Fundação CESDA da IEEMP. Esteve ainda presente o Bispo Sifredo Teixeira, presidente do COPIC.



106º ANIVERSÁRIO DA IGREJA DO MONTE PEDRAL

Dia 2 de Fevereiro foi comemorado o 106º aniversário da Igreja Metodista do Monte Pedral. O culto foi um momento especial com a participação da Escola Dominical e com a presença do Pastor Jorge Barros que foi convidado para assumir a pregação.

Seguiu-se um almoço comunitário onde, para além do convívio entre os irmãos, se cantaram os parabéns à Igreja. Que Deus continue a abençoar esta comunidade e todos os que dela fazem parte.



ESTELA PINTO RIBEIRO LAMAS



Retalhos de uma vida...

Tanto para recordar, tanto para contar

2014

LANÇAMENTO DO LIVRO "RETALHOS DE UMA VIDA..."

Nos dias 8 e 15 de Fevereiro, na Igreja Metodista do Mirante e de Aveiro, respetivamente, teve lugar o lançamento do livro "Retalhos de uma vida...Tanto para recordar, tanto para contar" da autoria de Estela Ribeiro Lamas.

A obra poética foi apresentada, no Mirante, pela Dra. Maria Manuela Dantas e pelo Pastor José Manuel Cerqueira tendo contado com a presença de cerca de 70 convidados. Em Aveiro, a apresentação foi feita pela Dra. Rute Campos e pelo Pastor Eduardo Conde e contou com a presença de cerca de 35 convidados. O valor a conseguir com a venda dos livros reverterá a favor das obras de remodelação do telhado da igreja do Mirante, comunidade à qual pertence a autora.

PROFISSÕES DE FÉ E BATISMO NA IGREJA DE LISBOA

A 9 de Fevereiro, a Igreja Metodista de Lisboa recebeu onze jovens como membros da comunidade local. A celebração litúrgica decorreu num espírito contagiate de alegria e teve o seu momento alto quando, por Profissão de Fé e um por Batismo, os onze jovens professaram juntos a sua paixão por Jesus Cristo e assumiram os votos de Membros da Igreja. Agradecemos a Deus por estes jovens e pelas suas famílias e oramos para que continuem o seu percurso cristão com confiança e fé no nosso Senhor e Salvador.



VISITA DA DELEGAÇÃO DA CONFERÊNCIA DO NORTE DA GEÓRGIA DA IGREJA METODISTA UNIDA, EUA

Esta delegação chegou a Portugal no dia 24 de fevereiro e logo nesse dia pôde conhecer a Igreja de Lisboa onde foram recebidos por alguns dos seus membros e pela Pastora Idalina Sitalena. No final do dia, rumaram à Fundação CESDA, em Aveiro, onde ficaram instalados durante a estadia no nosso país.

No dia seguinte, deslocaram-se ao Circuito de Braga onde visitaram a Fundação Valdozende nos seus dois polos (Braga e Valdozende) e o Centro Metodista João Wesley, ficando assim a conhecer todo o trabalho social desenvolvido a Norte e as respetivas igrejas locais que fundamentam a existência deste trabalho na área da solidariedade.

Quarta-feira, dia 26 de Fevereiro, este grupo de visitantes viajou até à cidade do Porto passando algum tempo nas igrejas de Lordelo, Mirante e Monte Pedral. Tiveram oportunidade de almoçar na igreja do Mirante juntamente com os Pastores deste circuito e alguns membros desta igreja. Durante a tarde, foi ainda possível conhecer alguns locais históricos da cidade e provar o famoso vinho do Porto.

Nos dias 27 e 28 de fevereiro, estes irmãos apresentaram 3 workshops nas áreas da Comunicação, Partilha do Evangelho e Música. Foram dois dias de partilha, aprendizagem, debate e diálogo entre metodistas portugueses e americanos, onde estiveram presentes cerca de 25 pessoas.

Sábado, foi o dia reservado para esta delegação visitar as igrejas do Circuito de Aveiro, passando assim pelas igrejas de Aveiro, Mourisca do Vouga, Aguada de Cima e Oliveira de Azeméis. Houve ainda oportunidade para conhecer um pouco da cidade de Aveiro, das suas tradições e costumes.

A 2 de março, domingo, estiveram presentes no 43º Aniversário da Igreja Metodista de Valdozende, tendo o Rev. Danna Everhart assumido a pregação no culto comemorativo. Durante a tarde puderam assistir à inauguração da rua Rev. Francisco Abel Lopes.

Segunda-feira rumaram a Lisboa onde puderam visitar alguns dos locais históricos da cidade e desfrutar de alguns momentos de descanso antes da partida para o seu país. Desta forma, se estreitaram laços e se reforçou a ponte para a missão entre a Igreja Metodista Unida do Norte da Geórgia e a Igreja Metodista Portuguesa.



43º ANIVERSÁRIO DA IGREJA METODISTA DE VALDOZENDE

Foi a 2 de Março que se comemorou mais um aniversário da Igreja Metodista de Valdozende. As festividades iniciaram-se com o culto dominical repleto de participações especiais nomeadamente dos funcionários do Centro de Solidariedade Social de Valdozende, da Escola Dominical, do Trevo Alegre, da irmã Carla Abigail e do Rev. Danna Everhart da delegação do Norte da Geórgia. Este culto contou ainda com a direção do Pastor Emanuel Dinis e do Bispo Sifredo Teixeira.

Seguiu-se o almoço de aniversário que contou com a presença de muitos dos membros desta igreja, assim como, convidados: o Presidente da Câmara Municipal, o Presidente da Junta, o Presidente do Grupo Desportivo, a Representante da Cooperativa Agrícola e Representantes da Comissão Executiva da IEPM.

Durante a tarde, procedeu-se ao descerramento inaugural da placa toponímica de atribuição do nome do Rev. Francisco Abel Lopes à rua da Igreja Metodista.

Foi um dia repleto de emoções para esta aldeia, tendo terminado com um lanche onde não faltou o tradicional bolo de aniversário.



FORMAÇÃO PARA MONITORES DE ESCOLA DOMINICAL

A 8 de Março, decorreu nas instalações da Catedral de São Paulo da Igreja Lusitana, em Lisboa, a formação para monitores de Escola Dominical promovida pelo COPIC (Conselho Português de Igrejas Cristãs). O formador convidado foi o Pastor Joel Pinto, especialista em Educação Cristã. Estiveram presentes 25 pessoas das diferentes Igrejas Metodista, Lusitana, Presbiteriana e Católica Romana.

Foi um dia de aprendizagem e de partilha de experiências que permitiu a todos os monitores de Escola Dominical um tempo de aprofundamento dos desafios e das oportunidades e, simultaneamente, de confirmação da importância deste ministério na vida das Igrejas. Procurar-se-á, no futuro, desenvolver mais iniciativas nesta área para que mais pessoas possam participar e alargar os seus conhecimentos e para que se possam produzir ferramentas de trabalho na área da formação cristã.



PLENÁRIO DA FEDERAÇÃO DE MULHERES METODÍSTAS

No passado sábado, dia 8 de Março, a Federação das Mulheres Metodistas realizou o seu Plenário anual na Igreja Metodista do Mirante, tendo como tema "Da esperança à ação" que serviu de mote ao devocional de abertura preparado pelas irmãs da Área da Espiritualidade. Posteriormente deu-se início aos trabalhos de análise e discussão de relatórios. Nesta atividade da FMM estiveram presentes 23 mulheres do Porto, Aveiro, Oliveira de Azeméis e Lisboa e os Pastores Ricardo Canfield e Miranda André como convidados.





PLENÁRIO DO DEPARTAMENTO DA JUVENTUDE METODISTA PORTUGUESA

No passado sábado, dia 15 de Março, teve lugar em Braga o Plenário anual do Departamento da Juventude Metodista. Estiveram presentes 28 jovens e ainda o Bispo Sifredo Teixeira e os Pastores(as) Eunice Alves, Emanuel Dinis, Eduardo Conde e Ricardo Canfield, como convidados.

Foi um dia dedicado à análise e debate de relatórios e atividades, aprovação de alterações aos regulamentos e também de convívio e animação.

Neste plenário foram eleitos os novos órgãos para o biénio 2014-2015 sendo constituídos da seguinte forma:

Mesa do Plenário: Presidente, José Moreira; Secretárias, Joana Antunes e Sofia Gaspar;

Direção: Presidente, Joana Teixeira; Secretária, Joana Silva; Tesoureiro, Afonso Vilaça; Vogais, Ana Almeida e Filipa Teixeira;

Conselho Fiscal: Presidente, Ivone Fernandes; Vogais, Arminda Fernandes e Márcia Benídio.

Oramos para que o Senhor Jesus continue a inspirar o trabalho da Juventude Metodista Portuguesa.

MIRANTE Bodas de ouro

No dia 10 de Janeiro, pelas 18h30, numa cerimónia singela e restrita à família e a amigos muito próximos, teve lugar a comemoração dos 50 anos de casamento de Estela Pinto Ribeiro Lamas e José Manuel Lamas. A liturgia foi preparada em família com o apoio do Bispo Rev. Sifredo Teixeira, que presidiu a celebração, com o acompanhamento ao órgão do Pastor José Manuel Cerqueira. Uma das netas iniciou a cerimónia com um breve momento musical, tocando um excerto do Hino da Alegria; os netos mais velhos fizeram as leituras do Antigo e do Novo Testamentos, tendo as netas acompanhado a avó na leitura responsiva do Salmo 150; o neto mais novo fez a entrega das alianças. Os hinos escolhidos salientaram a importância da presença de Deus na vida da família: "Preciosas são as horas na presença de Jesus"; "Louvamos-Te, ó Deus, pela luz que nos dá"; "Qual o adorno desta vida? É o amor, é o amor" e "Deus vos guarde pelo seu poder". Após a alocução do Bispo Sifredo Teixeira, foi feita a renovação do compromisso pelo casal, seguindo-se a bênção. A cerimónia terminou com uma pequena mas muito sentida intervenção do Rev. José Manuel Cerqueira.





AVEIRO Encontro de casais

No fim-de-semana de onze e doze, do passado mês de Janeiro, decorreu o Encontro de Casais, dinamizado pela Igreja Metodista de Aveiro e aberto a casais de várias Comunidades Metodistas e de outras Igrejas. Foi subordinado ao tema "*Construir Juntos é melhor!*".

Este encontro contou com a presença de 11 casais e teve lugar nas instalações da Fundação CESDA, na cidade de Aveiro. Para conduzir as sessões de reflexão em torno do tema, foi convidada a Dra. Bertina Córias Tomé, psicóloga clínica, uma irmã com longa experiência no trabalho com casais.

No decorrer dos dois dias de encontro, viveram-se momentos de partilha, de brincadeira, de convívio, de reflexão e de oração.

O encontro terminou com a certeza de que, Deus cuida, Deus sara as feridas, Deus ajuda a reconstruir. Para tal, necessitamos a aprender e a repreender a colocarmo-nos nas suas mãos carinhosas a confiar nele.



Região Protestante do Centro

ASSEMBLEIA GERAL

Realizou-se no passado dia 6 de Abril a Assembleia-Geral da Região protestante do Centro. Três momentos marcaram este acontecimento, a saber:

1- A presença do irmão Fernando Ascenso, Presidente da Direção da Sociedade Bíblica de Portugal, que nos falou do trabalho desta instituição bicentenária, das dificuldades e dos desafios,

deixando um forte apelo à participação dos presentes e das comunidades representadas no trabalho da produção e divulgação do texto bíblico.

2- Foi eleita uma nova direção para o próximo biênio com a seguinte composição: Pr Eduardo Conde, presidente, Pr^a Ana Cristina Aço, Pr^a Maria Eduarda Titosse, Ana Sofia Almeida, Isabel Roça, João Ricardo Jorge e Jorge Ladeiro.

3- O relatório discutido na Assembleia focou sobretudo *a necessidade e urgência do um novo fôlego de evangelização*. O desafio proposto à Assembleia foi: Como é que de forma ativa, concreta e diária podem os crentes responder à ordem de Jesus: Ide e fazei discípulos? Foi consenso da Assembleia que, *fazer discípulos, evangelizar não é uma sugestão, não é uma opção, é a razão da existência das nossas comunidades*. Fomos chamados a *orar, ensinar, a batizar e a celebrar*. Uma Igreja que não estuda a Bíblia não sabe porque existe. Uma Igreja que não ora não tem direção. Uma igreja que não está em missão não é Igreja. Muitas vezes andamos entretidos com atividades e encontros e esquecemos a razão pela qual nos encontramos e pela qual trabalhamos: Ir. Sair. Anunciar a Salvação. Fazer Discípulos.

A direção eleita foi incumbida pela Assembleia para de forma concreta e visível ajudar as igrejas locais e os crentes em particular a responderem aos seguintes compromissos:

1. Estou eu disponível para responder à chamada?
2. Estou preparado para começar a orar e a estudar a Bíblia?
3. O que é que eu vou fazer para evangelizar?
4. Como é que a minha comunidade pode começar este movimento de Evangelização?

